

J. A. Gaiarsa

O espelho mágico

Um fenômeno
social
chamado
corpo e alma



O ESPELHO MÁGICO

Um fenômeno social chamado corpo e alma

Copyright © 1973, 1984, 2013 by J. A. Gaiarsa

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Saete Del Guerra**

Capa: **Marianne Lépine**

Foto de capa: **Stefan Patay**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Ilustrações: **Claudio Rocha e Suzana Barros Freire,**
com a cooperação criativa do autor

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.agora.com.br>

e-mail: agora@agora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

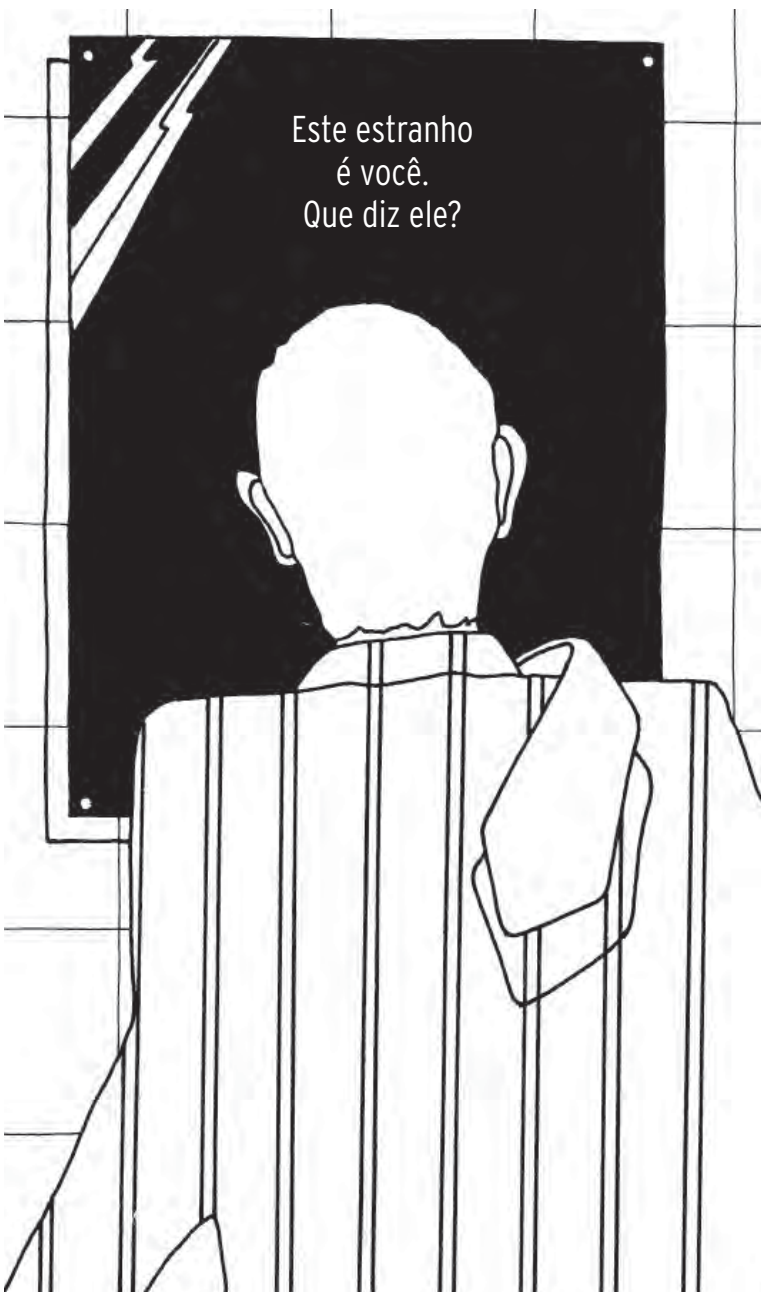
Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

1	A face estranha que é a minha	7
2	O acontecer e as categorias	11
3	As palavras e a eternidade	15
4	Tudo começa na infância (Freud)	17
5	O vício da palavra	21
6	O espelho mágico da rainha.	23
7	O íntimo está por fora!.	27
8	Corpo e alma	29
9	Quem vê cara vê coração?	31
10	O inconsciente visível (Reich)	34
11	Hamlet e a perplexidade	39
12	Lei da desgraça irremediável	44
13	O cavaleiro andante.	46
14	Moreno, o psicodrama e os papéis complementares	51
15	Lorenz e as condutas instintivas	55
16	Os fundamentos motores do princípio de não contradição.	57
17	A moral às avessas	61
18	O uniforme	63
19	A exemplar história do reizinho vaidoso	65
20	O mal do bem e do mal	68
21	Minha vontade e o outro	71
22	A maldição da estrutura dividida	73
23	O mistério da <i>solidariedade antagônica</i>	77
24	Epitáfio	79

A black and white line drawing of a person from behind, wearing a vertically striped shirt. They are looking at a poster on a wall. The poster has a dark background with a lightning bolt in the top left corner and text in the center. The person's right hand is tucked into their shirt. The wall is represented by a grid of lines.

Este estranho
é você.
Que diz ele?

1 A FACE ESTRANHA QUE É A MINHA

**Meu rosto me é mais estranho que meu íntimo.
Mais fácil me é aceitar um
pensamento como meu do que
aceitar (ou sequer perceber) que
ao dizer “sinto muito” a expressão
de meu rosto era de completa indiferença.**

SOU APRESENTADO A UMA pessoa em reunião social. Converso com ela meia hora. Vejo mais do seu rosto, durante esse tempo, do que vi do meu rosto durante o ano inteiro.

Não só vi muito mais, como vi de outro modo. *Eu reparei* no seu sorriso, no seu modo de olhar, prestei atenção no gesticular de suas mãos e nas posições de seu corpo.

Tudo que vi influiu no nosso relacionamento; mas se, ao me despedir, alguém me perguntar o que achei da pessoa resumo minha impressão em frases curtas:

- simpático
- chato
- legal
- que pretensioso
- um coitado
- que matraca.

Se um amigo – ele também um chato! – insistir em saber o que percebi durante a conversa, terei muita dificuldade em qualificar os movimentos, os gestos e os tons de voz. Se por acaso o diálogo entre mim e o estranho for filmado e eu tiver a oportunidade de ver o filme, o estranho continuará estranho para mim; o

filme mostrará uma porção de expressões da pessoa que vi, mas na certa esqueci. Tanto o diálogo social como o filme nos demonstram um fato importante: percebemos bastante da expressão não verbal dos outros, mas temos consciência vaga e obscura dessa percepção que comporá nosso julgamento e determinará nossa atitude ante a pessoa.

Durante toda a conversa, porém, o mais estranho dos rostos que participavam dela era o meu – sem a menor sombra de dúvida. Se ao outro eu percebia de forma global e pouco distinta, de mim mesmo só percebia uma coisa: aquilo que *eu pensava* enquanto ele falava ou eu falava.

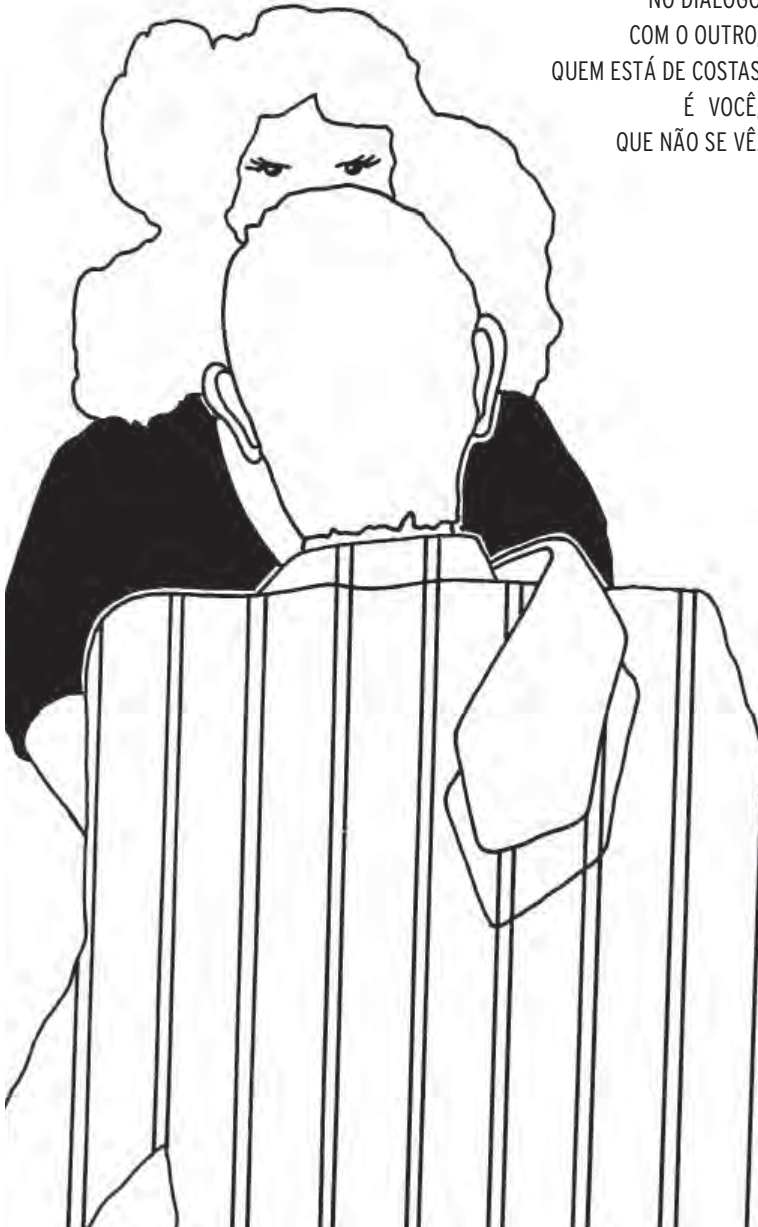
Tudo mais, meu sorrir, meu gesticular, meu olhar, escapava, quase de todo, à minha percepção – mas não à dele!

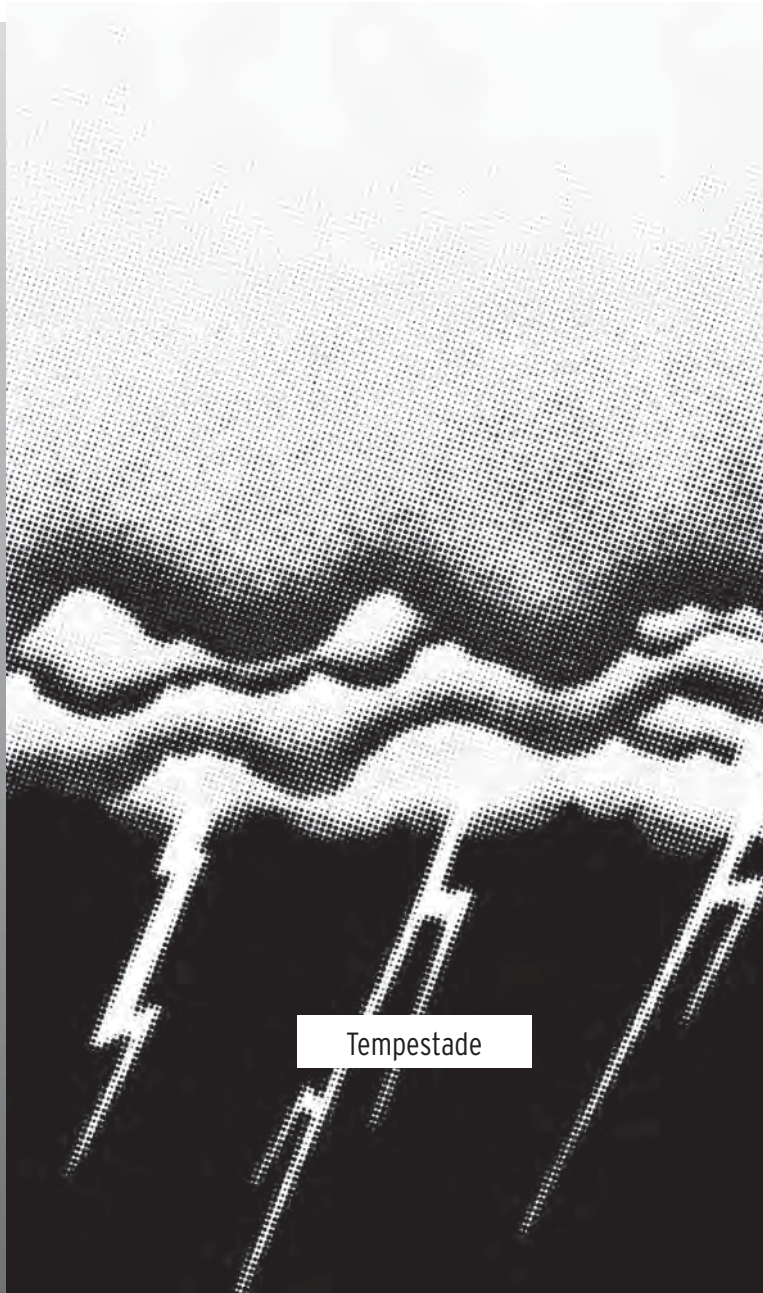
Ele estava lendo meu corpo.

Podemos afirmar este paradoxo em relação a um encontro e a uma conversa de meia hora com um estranho: o rosto dele se fez quase familiar para mim e o meu rosto se fez quase familiar para ele, ao longo da conversa, mas meu rosto, *para mim*, e o rosto dele, *para ele*, continuam tão estranhos quanto sempre foram! Falar consigo ou falar sozinho são expressões familiares, mas “conversar com o próprio corpo” é uma declaração estranha.

Ninguém conversa com o próprio corpo...

NO DIÁLOGO
COM O OUTRO,
QUEM ESTÁ DE COSTAS
É VOCÊ,
QUE NÃO SE VÊ.





Tempestade

2 O ACONTECER E AS CATEGORIAS

O ACONTECER É MUITO mais amplo do que o retrato falado que dele fazemos – depois que ele aconteceu.

As categorias são verbais e o acontecer, além de ser verbal, é também visual, afetivo, condicionado pela experiência passada. Depende do lugar, do momento, das pessoas.

O acontecer é, também, muito mais rico do que as palavras que dizemos enquanto este se desenrola.

No entanto, porque a palavra é fácil, porque somos animais irremediavelmente tagarelas,

porque a palavra fez ao homem muito mais
do que o homem fez à palavra.

Por tudo isso e por muito mais, preferimos, sempre que não seja absolutamente indispensável proceder de outro modo, acreditar que as palavras se confundem com as coisas, e que o mundo é uma vasta sinfonia de significados verbais e mais nada.

O mundo é uma soma de significados sem substância: um dicionário!

Além disso, **“O acontecer é global e simultâneo, ao passo que o verbal é sucessivo e linear...”** (Marshall McLuhan)

Muitas coisas acontecem a cada instante. Se fôssemos descrever, com toda a precisão, um instante do acontecer, facilmente escreveríamos um livro. Para ler este livro, de outra parte, levaríamos tempo deveras enorme, se comparado com a duração do instante em que o acontecer aconteceu.

As palavras representam muito pouco do fato e, além disso, colocam todos os fatos dentro do mesmo sistema de coordenadas.

Tudo fica imensamente simplificado.
Tudo fica imensamente falsificado.